

# ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS NO ESTABELEECIMENTO DO ETHOS DA MULHER EM VIDA MARIA

STEREOTYPES AND STIGMAS IN THE ESTABLISHMENT OF THE WOMAN'S ETHOS IN VIDA MARIA

ESTEREOTIPOS Y ESTIGMAS EM LA CONSTITUCIÓN DEL ETHOS DE LA MUJER EM LA VIDA MARIA

Jussara Melo Lima<sup>1</sup>

Marcia Regina Curado Pereira Mariano<sup>2</sup>

**Resumo:** O papel da mulher na sociedade contemporânea é questionado frequentemente, visto que o sistema patriarcal, ainda predominante em nossa sociedade, considera o homem como o “chefe da família”, o principal responsável por prover o sustento e tomar as decisões. Apesar das recentes conquistas femininas, e mesmo que a mulher exerça atividades profissionais fora do lar, a ela ainda cabe, na grande maioria das vezes, cuidar da casa, do companheiro e dos filhos, ficando sempre sob a tutela do pai ou do marido. As concepções de “estereótipos” e “estigmas” baseiam-se em atributos negativos para fazer referência a um indivíduo e/ou grupo e justificar seus lugares e funções sociais, e influenciam diretamente na construção da imagem discursiva de si pelo orador, o ethos. Tendo em vista a relação entre esses três conceitos, e fundamentado, sobretudo, nos estudos de argumentação discursiva de Ruth Amossy (2010; 2016a; 2016b; 2018), o objetivo deste trabalho é analisar a construção do ethos da mulher no curta *Vida Maria*, de 2007, em sua relação com os processos de estereotipagem e estigmatização. A análise partiu da observação dos recursos verbais e não-verbais que envolvem a personagem principal, Maria José, e as outras Marias de sua família. Foi possível constatar que elas assumem ethos tristes e amargurados por viverem vidas que não são do seu agrado, mas que atendem às expectativas preestabelecidas pela sociedade para as mulheres, principalmente as mais pobres e de áreas rurais.

**Palavras-chave:** Mulher. Sociedade. Ethos. Estereótipo. Estigma.

**Abstract:** The role of women in contemporary society is often questioned, since the patriarchal system, still predominant in our society, considers the man as the “head of the family”, the main responsible for providing support and making decisions. Despite recent female achievements, and even if the woman carries out professional activities outside the home, it is still up to her, in most cases, to take care of the house, partner and children, always being under the guardianship of the father or husband. The concepts of “stereotypes” and “stigmas” are based on negative attributes to refer to an individual and/or group and justify their social places and functions, and directly influence the construction of the discursive image of the speaker, the ethos. Considering

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [meellojussara@gmail.com](mailto:meellojussara@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0808-5099>.

<sup>2</sup> Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [ma.rcpmariano@academico.ufs.br](mailto:ma.rcpmariano@academico.ufs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3599-1559>.

the relationship between these three concepts, and based, above all, on Ruth Amossy's (2010; 2016a; 2016b; 2018) studies of discursive argumentation, the objective of this work is to analyze the construction of the ethos of women in the short film *Vida Maria* (2007) in its relation to the processes of stereotyping and stigmatization. The analysis started from the observation of the verbal and non-verbal resources that involve the main character, Maria José, and the other Marias of her family. It was possible to verify that they assume sad and embittered ethos for living lives that are not to their liking, but that meet the expectations pre-established by society for women, especially the poorest and from the countryside.

**Keywords:** Women. Society. Ethos. Stereotype. Stigma.

**Resumen:** El papel de la mujer en la sociedad contemporánea es muchas veces cuestionado, ya que el sistema patriarcal, aún predominante en nuestra sociedad, considera al hombre como “cabeza de familia”, principal responsable de brindar apoyo y tomar decisiones. A pesar de los recientes logros femeninos, y aunque la mujer realice actividades profesionales fuera del hogar, le corresponde a ella, en la mayoría de los casos, cuidar la casa, la pareja y los hijos, estando siempre bajo la tutela del padre o esposo. Los conceptos de “estereotipos” y “estigmas” se basan en atributos negativos para referirse a un individuo y/o grupo y justificar sus lugares y funciones sociales, e inciden directamente en la construcción de la imagen discursiva del hablante, el ethos. Considerando la relación entre estos tres conceptos, y con base, sobre todo, en los estudios de argumentación discursiva de Ruth Amossy (2010; 2016a; 2016b; 2018), el objetivo de este trabajo es analizar la construcción del ethos de la mujer en el cortometraje. *Vida María*, 2007, en su relación con los procesos de estereotipación y estigmatización. El análisis partió de la observación de los recursos verbales y no verbales que involucran al personaje principal, María José, y las demás Marías de su familia. Se pudo constatar que asumen un ethos triste y amargado por vivir vidas que no son de su agrado, pero que responden a las expectativas preestablecidas por la sociedad para las mujeres, especialmente las más pobres y del campo.

**Palabras llave:** Mujer. Sociedad. Ethos. Estereotipo. Estigma.

### Considerações Iniciais

Este trabalho tem como foco principal fazer uma análise do curta-metragem *Vida Maria* a partir das definições de ethos, estigma e estereótipos. O aporte teórico utilizado é constituído por obras de Ruth Amossy (2016a; 2016b e 2018), Aristóteles (2011), Samuel Mateus (2018) e Erving Goffman (2004), além de artigos que nos auxiliam a desenvolver a temática. Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como os processos de estereotipagem e de estigmatização perpassam o estabelecimento do ethos da mulher no curta-metragem *Vida Maria*, e como objetivos específicos: refletir sobre o lugar e o papel da mulher na contemporaneidade a

partir de imagens discursivas preestabelecidas; observar, na linguagem verbal e não-verbal do *corpus*, que outras características, além do próprio gênero, influenciam na exclusão e na discriminação das mulheres pela sociedade e discutir a relação entre o ethos apresentado e as realidades políticas e sociais atuais no Brasil.

O filme *Vida Maria* é uma animação lançada no ano de 2007, dirigida pelo cearense Márcio Ramos, com duração de 8'35", disponível na plataforma do YouTube. Esse curta-metragem retrata a história de Maria José, que se vê obrigada, desde criança, a ajudar a mãe nos serviços domésticos e que, por essa razão, perde a oportunidade e o interesse pelos estudos, para se dedicar à vida de dona de casa.

A cena inicial do filme mostra Maria José escrevendo seu nome em um caderno; em seguida, a mãe ordena que ela vá fazer algum serviço doméstico para ajudá-la. Ao longo do filme ocorrem várias mudanças temporais, mostrando a personagem adolescente, jovem, adulta e já casada, e em todos esses momentos da vida o cansaço da rotina do trabalho doméstico e característico da vida rural é visível em sua face. Por fim, Maria José, já com idade avançada, repete com sua filha, Maria de Lurdes, o mesmo que sua mãe fez com ela quando tinha a mesma idade.

O filme retrata a realidade de muitos/as jovens brasileiros/as das zonas rurais e periféricas, principalmente meninas, que não têm a oportunidade de se dedicar aos estudos por conta da obrigação ou necessidade de realização dos serviços domésticos ou no campo. No caso das meninas/mulheres, ainda pesa o estigma de que não podem ou não conseguem realizar determinados serviços e de que nasceram para procriar, cuidar do esposo e dos filhos.

De acordo com as estatísticas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua Educação de 2019, expostas no gráfico a seguir, o motivo principal pelo qual os jovens brasileiros abandonam os estudos é a necessidade de trabalhar. Somado à necessidade de realizar afazeres domésticos ou cuidar das pessoas, chega-se a quase metade de jovens que abandonam a escola porque precisam trabalhar. Se incluirmos o abandono por gravidez, essa porcentagem aumenta. Chama a atenção como o fator “não tinha interesse em estudar” (que foi citado por 29,2% de jovens entre 14 e 29 anos como o motivo para o abandono escolar, conforme o gráfico a seguir) é muito maior entre as mulheres, o que pode mascarar a necessidade de ter outras funções, domésticas ou tidas pela sociedade como mais femininas (como as ligadas à beleza e estética), ou a aceitação de discursos machistas e patriarcalistas que não consideram o estudo importante para as mulheres, já que, algumas vezes, elas são vistas como pessoas que não devem e não são competentes para ocupar determinadas posições no mercado de trabalho. Por outro lado, também chama a atenção o fator “precisava trabalhar” (indicado como motivo para o

abandono por 39,1% dos jovens nessa mesma pesquisa) afetar mais os homens, o que também pode indicar que, muitas vezes, os trabalhos femininos nem são vistos como trabalho, nem mesmo pelas próprias mulheres. Vejamos esses dados no gráfico:

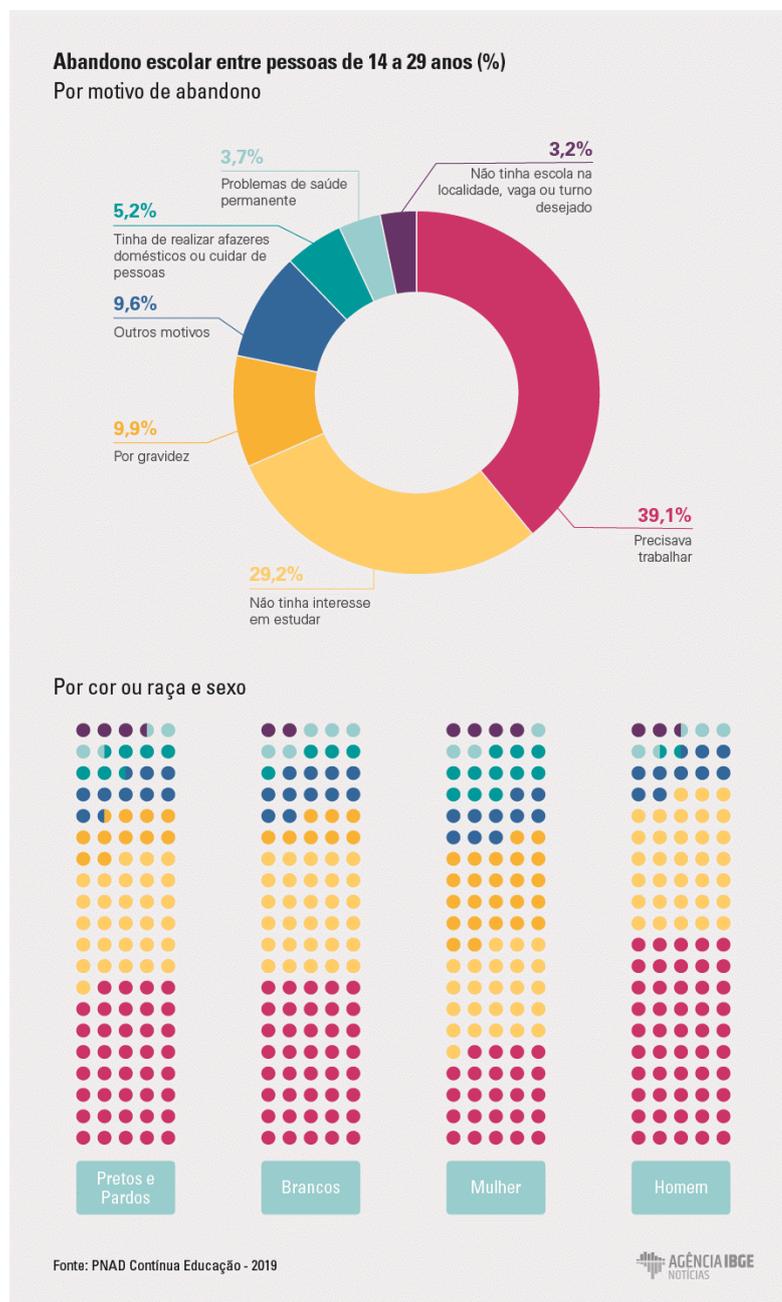


GRÁFICO 1: Extraído de *EcoDebate*<sup>3</sup>

A desigualdade social é um dos grandes problemas que afeta muitas pessoas, podendo até lhes tirar direitos básicos como a educação, caso esse que acontece com a pequena Maria José, personagem retratada no curta-metragem. De acordo com Saringer (2021), 8,4% dos estudantes

<sup>3</sup> Disponível em: : <<https://www.ecodebate.com.br/2020/07/17/necessidade-de-trabalhar-desinteresse-e-gravidez-sao-os-principais-motivos-para-abandono-escolar/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

entre 6 e 34 anos abandonaram os estudos no ano de 2020 e a taxa foi 54% maior entre as classes D e E. Muitas vezes, os grupos mais prejudicados pela desigualdade social são também aqueles que já sofrem outros tipos de exclusão, como os negros, as mulheres, as pessoas LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero - etc.

Focalizando especificamente a evasão escolar pela necessidade de realizar serviços domésticos, como é o caso de Maria José, de acordo com dados da PNAD Educação/Cedeca/CE publicados no site da UOL em 2019, o Norte e o Nordeste são as regiões mais afetadas no que tange ao abandono da escola por mulheres jovens, como se vê a seguir:

### **Jovens entre 15 e 29 anos que deixam estudos para cuidar da casa:**

#### **Sul**

Homens - 1,2%

Mulheres - 20,3%

#### **Sudeste**

Homens - 0,5%

Mulheres - 19,7%

#### **Centro-Oeste**

Homens - 0,9%

Mulheres - 24,1%

#### **Nordeste**

Homens - 0,7%

Mulheres - 26,4%

#### **Norte**

Homens - 1,3%

Mulheres - 31,7%

Extraído de Madeiro (2019)<sup>4</sup>

Isso ocorre devido à necessidade das mulheres começarem cedo a realizar os trabalhos domésticos para ajudar a família, já que esse serviço é visto como obrigação principalmente da mulher, e/ou por necessidade pessoal, como comprovam os dados a seguir:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/13/23-das-mulheres-que-abandonam-escola-precisam-cuidar-da-casa-ou-de-alguem.htm>>. Acesso em: 28 set. 2021.

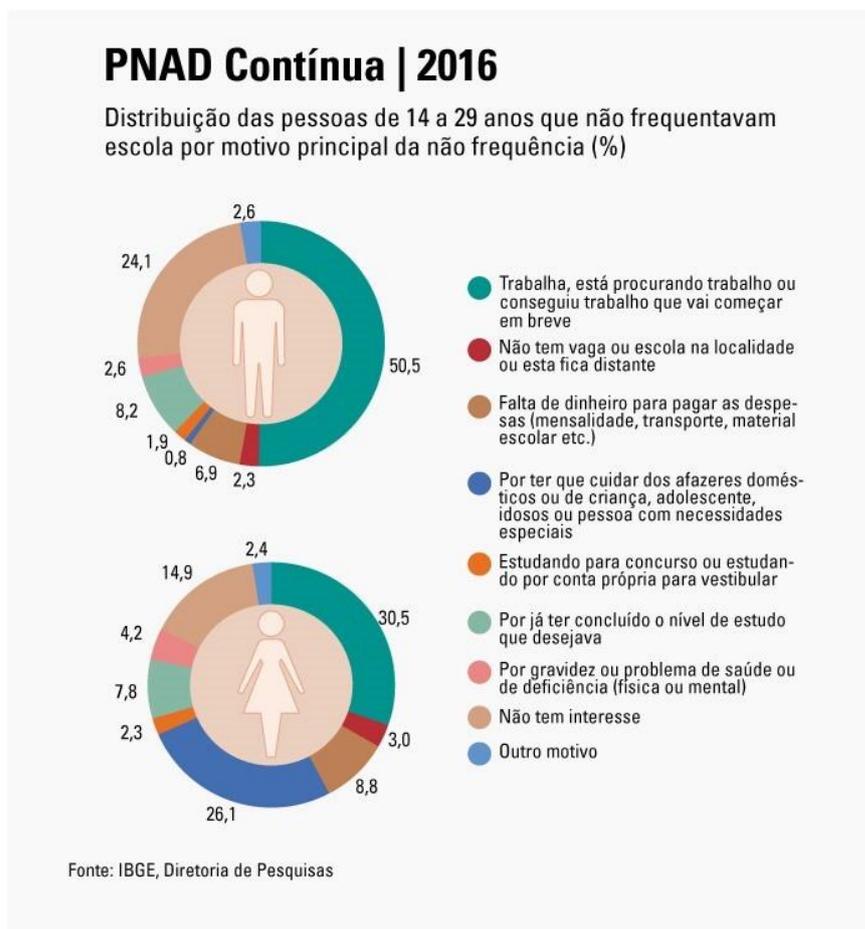
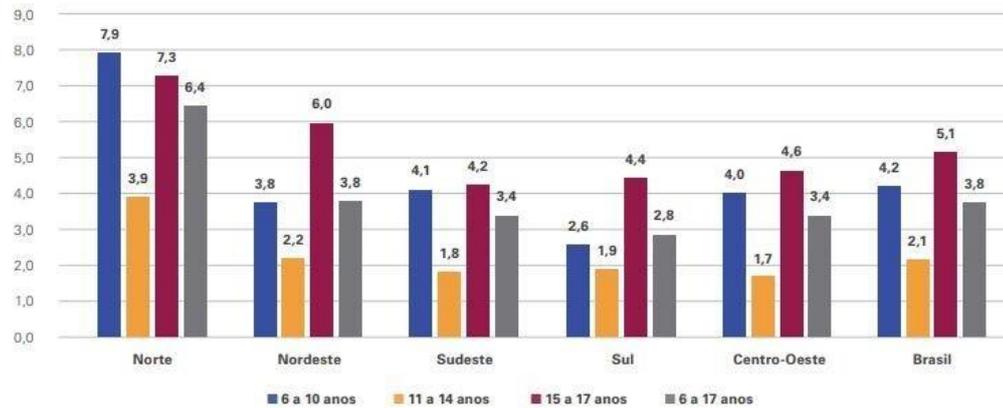


GRÁFICO 2 – Extraído de Saraiva (2018)<sup>5</sup>

Nessa estatística referente ao ano de 2016, é possível perceber que muitas meninas/mulheres de 14 a 29 anos alegam abandonar os estudos por motivos de afazeres domésticos - a porcentagem representa 26,1% das mulheres que não frequentavam mais a escola, enquanto os homens representam apenas 0,8%. Já no gráfico a seguir, vê-se como Norte e Nordeste lideram o número de crianças e jovens fora da escola.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/574951-das-jovens-fora-da-escola-em-2016-26-alegam-cuidar-da-casa-de-criancas-ou-idosos>>. Acesso em: 28 set. 2021.

**Gráfico 31.** Distribuição de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos com Educação Básica incompleta que não estão frequentando a escola, por Grandes Regiões – out. 2020 (%)



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad Covid-19, 2020.

GRÁFICO 3 – Extraído de *TutorMundi*<sup>6</sup>

Nesse gráfico, o Nordeste é a segunda região em que existem mais estudantes de 6 a 17 anos que não estavam frequentando mais a escola. O impacto maior é nos adolescentes entre 15 e 17 anos. A seguir, observa-se que adolescentes jovens do sexo feminino também são as mais afetadas no abandono do ensino médio devido à obrigação de afazeres domésticos.

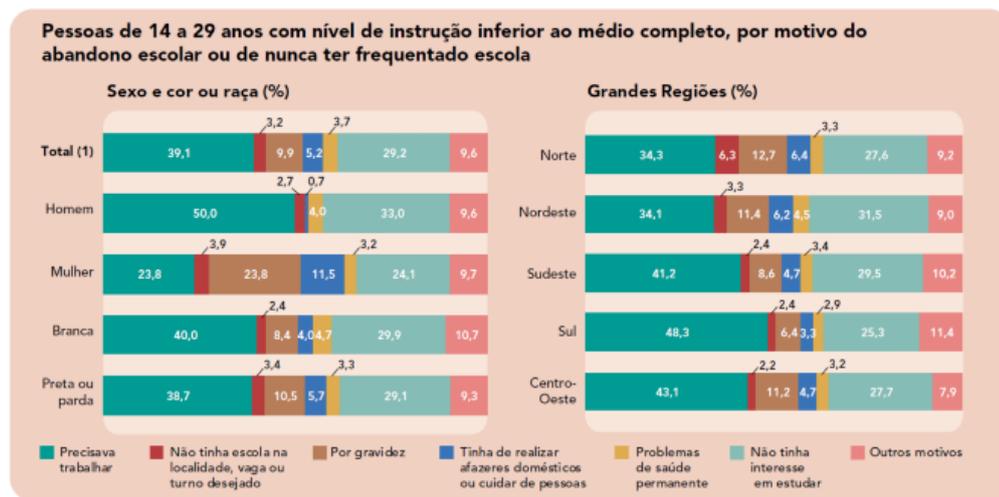


GRÁFICO 4 – Extraído de Bojczuk (2020)<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://tutormundi.com/blog/evasao-escolar/>>. Acesso em; 28 set. 2021.

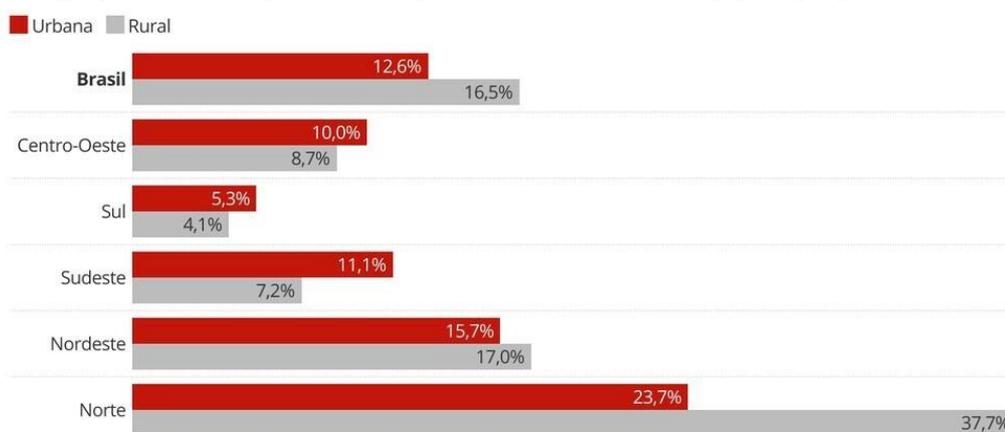
<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.edocente.com.br/blog/escola/evasao-escolar-no-ensino-medio-causas-consequencias-e-possiveis-solucoes/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

As maiores porcentagens se concentram na necessidade em trabalhar; no caso das mulheres, a porcentagem por precisar realizar trabalhos domésticos é muito maior do que no caso dos homens, apresentando 11,5%. A porcentagem de abandono por gravidez também é mais alta, apresentando 23,8%. Sendo assim, percebe-se que as mulheres possuem uma responsabilidade maior em relação ao trabalho doméstico e aos filhos do que os homens, chegando até a abandonar os estudos por conta desses fatores.

No filme *Vida Maria*, a Maria José, assim como as outras mulheres de sua família, não teve a chance de poder estudar. No final, pode-se perceber que a própria Maria José vê o estudo como um nada, uma besteira; para ela, os afazeres domésticos são muito mais importantes. Ao fato de ser mulher, junta-se o de viver no campo, outro fator que afeta bastante a exclusão escolar, como evidencia o gráfico a seguir.

### Percentual de crianças de 6 a 10 anos sem estudos, área urbana e rural

Crianças que vivem no campo têm maiores percentuais de exclusão escolar, aponta pesquisa



Fonte: Unicef e Cenpec Educação

GRÁFICO 5 – Extraído de Oliveira (2021)<sup>8</sup>

Nesse gráfico, pode-se perceber que a porcentagem de estudantes que abandonam os estudos é maior no meio rural. O Nordeste perde apenas para o Norte, que apresenta a maior porcentagem de evasão escolar no meio rural; o acesso às escolas e o trabalho continuam sendo dois dos maiores problemas para que ocorra essa evasão escolar.

No filme, pode-se perceber que Maria José era de uma família pobre e do interior; as condições nas quais vivia a limitavam de se dedicar à educação; por conta do machismo que ainda persiste atualmente, o dever de se dedicar aos afazeres domésticos se volta para

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/29/quatro-em-cada-dez-criancas-de-6-a-10-anos-estavam-sem-estudos-em-2020-aponta-pesquisa-do-unicef.ghtml>>. Acesso em: 28 set. 2021.

as mulheres que, ainda crianças, são as mais prejudicadas com a falta de acesso à educação e com a obrigação de ajudar nos afazeres de casa.

O filme aborda ainda, pois, a exploração infantil, que tira de crianças o direito de ter acesso aos estudos e seguir um rumo diferente do que seus pais e avós tiveram, por iniciar desde criança os trabalhos domésticos ou outros tipos de trabalho, principalmente meninas.

Maria José, mesmo sendo rude com a sua filha Maria de Lurdes, demonstra tristeza pela vida que levava. Provavelmente, ela não teve acesso à educação porque não conseguiu ter a oportunidade de estudar, e, mesmo sem perceber, acaba fazendo com que sua filha continue a seguir seus passos. No final do filme é possível perceber que, enquanto a mãe de Maria José está sendo velada, todos os homens estão sentados, já a pequena Maria de Lurdes, uma criança, única filha mulher que Maria José teve, é quem tem a obrigação de ir pegar a água. Ao final do curta-metragem, é possível perceber, com o passar das folhas do caderno em que a pequena Maria de Lurdes estava escrevendo, que várias Marias perderam a oportunidade de ter uma educação para cuidar da casa desde cedo.

Conhecendo e reconhecendo essa realidade – as pesquisas trazidas em gráficos ao longo desta seção e nossa experiência enquanto mulheres nordestinas ou moradoras do nordeste nos levam a essa identificação -, a narrativa escolhida para análise mostra-se um material adequado para refletir sobre como os estereótipos colaboram na construção da imagem discursiva de Maria José e de que como sua trajetória reflete o estigma carregado pelas mulheres, desde muito cedo, e particularmente pelas mulheres pobres e dos sertões brasileiros.

### **Ethos, estereótipos e estigmas: relações possíveis**

Primeiramente, é necessário compreender como o termo “ethos” surgiu e como diferentes noções sobre ele foram se desenvolvendo com o passar do tempo, pelos estudiosos da área da argumentação. Alguns dos primeiros estudos sobre esse termo podem ser encontrados em Aristóteles e, a partir dele e de suas concepções, outros estudiosos também chegaram a definir e/ou redefinir os conceitos sobre o ethos.

Segundo Mateus (2018), Aristóteles foi o primeiro a afirmar que o orador se aproveita de dois tipos de provas, a partir dos quais poderá definir o seu modelo de argumentação, são elas: as provas extra-artísticas (naturais/extra-retóricas) e as provas artísticas (artificiais/retóricas): o ethos, o pathos e o logos.

Há três tipos de meios de persuasão supridos pela palavra falada. O primeiro [o ethos] depende do caráter pessoal do orador; o segundo [o pathos], de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro [o logos], do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar. (ARISTÓTELES, 2011, p. 45)

Em relação ao ethos, o filósofo afirma que “Confiamos [...] em pessoas de bem de modo mais pleno e mais prontamente do que em outras pessoas” e que “[...] semelhantemente aos outros [meios de persuasão], deve ser conseguido pelo que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie o discurso.” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45). Para Aristóteles, essas provas artísticas apresentam os melhores resultados quando usadas simultaneamente, pois engrandecem a forma de persuasão por juntar o caráter moral, o despertar das emoções e também a racionalidade, tornando a fala do orador mais persuasiva.

O conceito de ethos, especificamente, foi retomado contemporaneamente em estudos da argumentação discursiva, que chamam a atenção para os aspectos sociais e enunciativos que o envolvem. De um modo geral, no entanto, o ethos continua sendo definido como a imagem que o orador constrói de si mesmo no discurso.

Segundo Amossy:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (2016a, p. 9).

Para Amossy (2016b), o ethos não é só uma postura que manifesta o pertencimento a um grupo dominante, mas sim uma imagem de si construída no discurso que influencia opiniões e atitudes. Nesse sentido, a argumentação contemporânea define o ethos como um fenômeno discursivo que não deve ser confundido com o *status* social do sujeito empírico, mas cuja análise deve levar em conta os participantes, o cenário e o objetivo da troca verbal. Logo, Amossy afirma que “a apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais.” (2016a, p. 9).

Diante disso, a partir dos discursos, pode-se encontrar dois tipos de manipulações na construção das imagens de si pelos oradores. A primeira delas se trata de uma manipulação consciente, em que o orador vai se utilizar do discurso para persuadir os seus ouvintes; por exemplo, um político elabora um discurso persuasivo para seus eleitores, a fim de fazer com que eles acreditem que ele seja uma pessoa confiável, mas com o passar

do tempo esse político pode se mostrar uma pessoa totalmente diferente do que ele passava em seu discurso. A outra se trata de uma manipulação inconsciente, já que as pessoas tendem a reproduzir discursos aos quais estão expostas na sociedade durante as suas falas do cotidiano, por exemplo, discursos machistas.

Sobre as diferentes formas de expressão do *ethos* e os critérios para depreendê-lo, diz Amossy que é a partir do próprio discurso que podemos encontrar o *ethos* de um orador:

O discurso lhe oferece todos os elementos de que tem necessidade para compor um retrato do locutor, mas ele os apresenta de forma indireta, dispersa, frequentemente lacunar ou implícita. Assim, um estilo pontuado de exclamações permite induzir o caráter impetuoso ou colérico do locutor, enquanto um falar lacônico e rude, que não se prende a convenções de polidez, pode indicar um homem íntegro que diz a verdade sem meias palavras. Aquele que louva a qualidade de seus adversários se apresenta como um homem honesto e imparcial; o que enche seu discurso de alusões eruditas e de citações parece um homem culto. É o conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e a situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem. (2016b, p. 126-127).

As teorias da argumentação contemporânea consideram a importância da adaptação do orador ao seu auditório. No caso das abordagens discursivas da argumentação, diferentemente da abordagem aristotélica, consideram ainda que esse orador/enunciador já possui uma imagem prévia, construída por seus interlocutores, antes que ele tome a palavra. Dessa forma Amossy define o conceito de *ethos* prévio: “[...] portanto, chamar-se-á de *ethos* prévio ou imagem prévia – em oposição a *ethos* simplesmente (ou a *ethos* oratório, que é plenamente discursivo) – a imagem que o auditório pode fazer do locutor antes que ele tome a palavra.”. A autora ainda afirma que “[...] o *ethos* prévio é elaborado com base no papel que o orador exerce no espaço social (suas funções institucionais, seu *status* e seu poder), mas também com base na representação coletiva ou no estereótipo que circula sobre sua pessoa.” (AMOSSY, 2018, p. 90).

Amossy (2016a) introduziu, então, na análise do *ethos*, a sua relação com a noção de estereótipo. Para ela o estereótipo possui um papel fundamental no estabelecimento do *ethos* prévio, pois é no discurso que se encontram os estereótipos que baseiam essa imagem inicial do locutor. Essa construção da imagem de si está, portanto, ligada à representação coletiva, que é estereotipada. A autora explana que a estereotipagem nada mais é do que pensar no real por meio de uma representação cultural já existente, e essa representação é percebida através das imagens públicas que são forjadas pelas mídias.

Para Amossy e Pierrot (2010), o estereótipo faz parte da construção da identidade social, pois ele atua como uma crença/opinião referente a um grupo de pessoas, podendo

levar a uma visão distorcida do outro, criando assim um preconceito. Por sua vez, ainda é possível perceber a existência de um lado negativo e outro positivo do estereótipo, que envolvem o preconceito entre os grupos, conforme já dito, mas também a questão da afirmação de uma identidade social, o que nos leva a relacionar os conceitos anteriores com o próximo conceito abordado, o de estigma.

Erving Goffman, em um capítulo do seu livro denominado de *Estigma e Identidade Social* (2004), faz uma abordagem acerca do conceito de estigma por parte da sociedade. Antigamente, segundo o autor, os gregos possuíam muitos conhecimentos sobre os recursos visuais, sendo assim, o termo “estigma” se originou como uma forma de se referir aos sinais corporais para identificar algo que fosse extraordinário, como também para algo negativo para o *status* social de quem o possuía.

Mais adiante, na era cristã, surgiram duas metáforas para o termo, uma delas explicava que os sinais corporais eram graças divinas, enquanto a outra, numa alusão médica, que eram distúrbios físicos. Atualmente, o termo estigma ainda é utilizado no meio social de forma semelhante aos tempos passados, mas predomina relacioná-lo a características que definem as “desgraças” dos indivíduos.

Ainda segundo Goffman (2004), a sociedade, por sua vez, se encarrega de estabelecer esses meios que irão categorizar as pessoas, relacionados com os seus atributos (identidade social) como também com as exigências da sociedade (identidade social virtual). Para ilustrar melhor esses dois tipos de identidades, pensemos numa situação em que um indivíduo, não conhecido, será apresentado para uma outra pessoa. Nesse momento, a pessoa poderá perceber os primeiros aspectos em relação às suas categorias e assim fazer uma previsão sobre a sua identidade social. Ainda assim, a pessoa poderá adotar algumas exigências diante do indivíduo, exigências essas que acarretariam sobre como o indivíduo poderia/deveria ser, ou seja, cria uma identidade social virtual sobre o indivíduo, de acordo com as representações da sociedade em que vive. Quando uma mulher é apresentada a alguém, por exemplo, cria-se sobre ela uma série de expectativas a partir de seu gênero biológico, o que já é bem complicado se a situação acontecer numa sociedade machista, mas adota-se também a exigência de que ela deva se adequar aos padrões estéticos e de comportamentos estereotipados e valorizados nessa sociedade.

Goffman (2004) ainda destaca que as categorias e os atributos que o indivíduo possui, e prova isso diante da outra pessoa, são chamados de identidade social real. Além disso, esse indivíduo pode refletir evidências de que se trata de uma pessoa má ou de pouca confiança, por exemplo, diante das exigências de uma sociedade, e diante dessa evidência

esse indivíduo passará a ser diminuído pela sociedade; tal característica responsável por colocá-lo à margem e que tem o poder de determinar seu lugar social é considerada como um estigma.

Como afirma o autor:

Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 2004, p. 6).

O estigma é considerado como uma relação entre os atributos e os estereótipos, dessa forma, os atributos que são usados para fazer referência ao termo são totalmente depreciativos a partir do estereótipo que a sociedade cria sobre um determinado indivíduo ou grupo. A partir disso, Goffman afirma que existem três tipos de estigmas:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo<sup>9</sup>, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família<sup>1</sup>. (GOFFMAN, 2004, p. 7).

A partir da definição de estigmas apresentada pelo autor, podemos retomar as questões antigas, do pensamento dos gregos, em que muitos dos indivíduos não eram aceitos em sociedade simplesmente por existir algo que de certa forma “prejudicasse” o seu *status* moral. Desse modo, o estigma perseguiria um indivíduo que poderia ser aceito pela sociedade, mas que possuía um traço que afastaria a atenção de seus outros atributos; a sociedade constrói, então, uma teoria sobre o estigma que o inferioriza. Goffman faz a afirmação de que “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão.” (GOFFMAN, 2004, p. 15). Assim, podemos pensar que, em algumas sociedades, diferenças de cor, gênero, idade, origem, classe social e etnia, por exemplo, passam por esse crivo da “normalidade” e do que é mais importante e valorizado, criando estigmas e excluindo grupos.

Segundo Lopes et. al (2015), o pesquisador Cidmar Teodoro Pais usou os estudos da semiótica e da sociosemiótica das culturas para analisar os conflitos sociais em termos de direitos, valores e deveres estabelecidos pela igualdade da lei. De acordo com Pais, o

---

<sup>9</sup> O termo empregado pelo autor não é mais aceito atualmente, na medida em que o sufixo -ismo está ligado à caracterização de doenças, o que não define a homossexualidade.

histórico das culturas e dos valores apresenta análises que revelam a nossa sociedade atual, principalmente no que diz respeito ao preconceito e ao estigma. As crenças e o conjunto de leis que partem da democracia e da aristocracia contribuíram para que a sociedade fosse preconceituosa de acordo com as teorias da grande elite, dessa forma a questão da sobrevivência levou os indivíduos a conviverem com diversas culturas como forma de adaptação, porém, a sociedade continua marginalizando as classes mais desfavoráveis, devido ao preconceito já enraizado.

Conceitos de democracia, estado de direito e aristocracia são fundamentais para compreender a questão do preconceito e do estigma que estão presentes na sociedade, pois se relacionam a leis e deveres dos cidadãos. Assim, Lopes et. al. afirmam que:

Podemos então, conceituar “democracia como o regime caracterizado pela vontade da maioria, com o respeito aos direitos das minorias, sob o império da lei”, opondo-se à concepção estrita de aristocracia, conceituada como o regime caracterizado pela vontade da minoria, sem o respeito aos direitos das majorias, opondo-se ao conceito de ‘igualdade perante a lei’. (2015, p. 3).

Sendo assim, nos estudos que estão voltados para a identidade cultural e a intolerância cultural, é possível perceber uma tensão dialética, na qual estão os privilégios e as restrições que determinam se os indivíduos são aceitos ou não aceitos na sociedade. A política, junto com as crenças da elite, (re)cria uma ideologia dominante, e assim as classes que são desfavorecidas acabam por serem excluídas e marginalizadas perante a sociedade.

Baseados em Pais, Lopes et. al. (2015, p. 200) citam como o preconceito, o estigma e a discriminação são vistos e colocados em prática pela sociedade: “Estigma: acusação”, “Preconceito: sentença”, “Discriminação: execução”. No primeiro caso, o estigma configura uma acusação feita pela elite baseada em suas crenças ou identidade social/cultural, algo que toque diretamente no *status* social de um indivíduo. O preconceito se trata da sentença, pelos dominantes acreditarem que tal cultura, crença ou identidade social de outro indivíduo não está de acordo com as da maioria da sociedade. E então ocorre a discriminação, que se trata da execução da sentença, que é a de marginalizar os indivíduos “diferentes” por eles não pertencerem ao mesmo *status* social da “maioria” dominante.

Observa-se, pois, que nosso objeto de análise, que é o curta-metragem *Vida Maria*, vai abordar essas questões do estigma e do preconceito, uma vez que reproduz uma crença, que é cultural, do povo, de que a mulher deve, desde criança, ser criada para cuidar dos afazeres de casa e do seu marido. Existe um estigma de gênero devido ao estereótipo que foi criado em relação a mulher, dessa forma, ainda para algumas pessoas, se a mulher não seguir esse padrão patriarcal, pode sofrer preconceito e ser discriminada em seu meio, pois

ela não vai estar de acordo com as expectativas da sociedade. É em meio a essas pressões sociais que as imagens discursivas, ou ethos, constroem-se e revelam-se.

### **Análise do curta-metragem *Vida Maria***

Conforme vimos em Amossy (2016b), o ethos se revela nos indícios deixados no texto de forma “indireta” e “dispersa”. Neste nosso objeto de análise, há pouco uso da linguagem verbal. Poucas falas, algumas anotações... A fim de chegarmos ao nosso objetivo, é necessário, portanto, observarmos também os indícios deixados nas imagens, que podem auxiliar a desvendar o que a narrativa revela a respeito de ethos, estereótipos e estigmas. Para isso, fizemos o recorte de algumas imagens e fragmentos verbais significativos de cada fase da vida de Maria José – criança, adolescente, jovem, casada, idosa -, que são inseridos e analisados durante a descrição e o resumo da narrativa. A recorrência no uso de determinados elementos verbais e não-verbais é que nos indicará o ethos.

A história se passa num ambiente rural inóspito, pobre e simples, típico (e estereotipado) dos sertões brasileiros. A casa possui poucos cômodos; os mais mostrados no filme são a sala e a varanda, que tem duas janelas, em que Maria José e futuramente sua filha, Maria de Lurdes, ficam escrevendo seus nomes em um caderno. Essa janela tem vista para o quintal da casa, um lugar deserto de coisas; apenas observa-se muita areia e um cercado feito com pedaços de madeira; duas árvores, que servem para amarrar o varal e estender as roupas; uma torneira que serve para retirar água do poço para os serviços.

O filme começa mostrando a pequena Maria José com seu caderno apoiado na janela da varanda, escrevendo seu nome; em seguida, mostra a própria menina feliz por conseguir escrevê-lo. Ela está com um vestido azul florido e uma tiara no cabelo. Até que sua mãe começa a chamar por ela, mas a menina não a ouve; a mãe entra em casa, vai até ela um pouco agressiva e puxa a menina pelo braço, dizendo que ali não era lugar para se ficar e que era para Maria José procurar algum serviço doméstico para fazer e ajudar sua mãe nos afazeres de casa.



IMAGEM 1. Fonte: Ramos (2006)

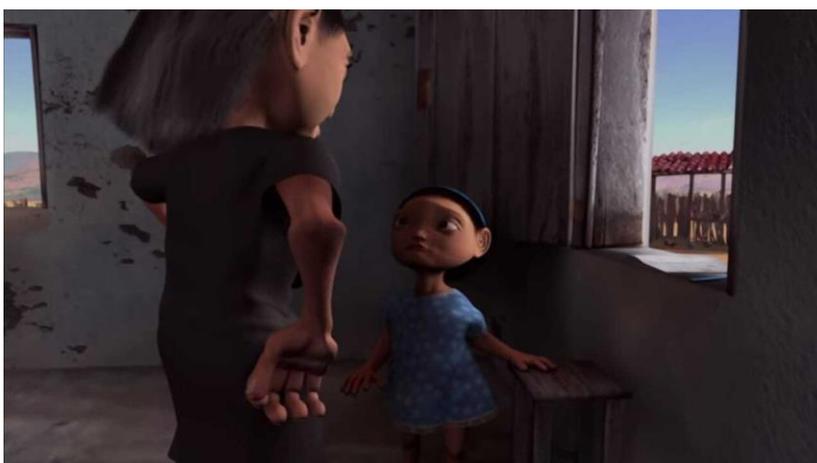


IMAGEM 2. Fonte: Ramos (2006)

Na primeira imagem, Maria José está a escrever seu nome em um caderno. A escrita do nome é algo muito significativo para uma criança, pois, além de fazer parte do processo de alfabetização, é parte do processo de sua criação de uma identidade social.

Ainda nessa cena, podemos perceber que, além de escrever seu nome, Maria José também faz desenhos de casa e de flor, representando o ambiente em que vive. O caderno em que Maria José está escrevendo, pode-se perceber, é um caderno antigo, o lápis está gasto e com o topo quebrado; isso indicia a condição social da família.

Essas imagens iniciais são acompanhadas das seguintes falas da mãe de Maria José:

Oh, Maria José! Tu não tá me ouvindo chamar não, Maria?

Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora?

Em vez de ficar perdendo tempo “desenhando o nome”, vá lá pra fora arranjar o que fazer!

Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros bichos...

Vai menina! Vê se tu me ajuda, Maria José!

Nessas falas, é possível perceber o uso excessivo de exclamações, revelando o ethos de uma mulher impetuosa. A linguagem não-verbal (as mãos na cintura, na imagem 2) colabora para a construção dessa imagem. Isso se confirma na sequência, quando a mãe chega até a pequena Maria José puxando-a pelo braço e gritando com a menina para ela não ficar perdendo tempo “desenhando nome” e ir procurar um serviço para fazer. Já Maria José cria, inicialmente, uma imagem de uma menina entusiasmada por estar aprendendo a escrever seu nome, que possui o desejo de ser alfabetizada; é possível perceber que seus olhos brilham quando está escrevendo no caderno, ao mesmo tempo que seu olhar se torna triste quando (imagem 1) a mãe a manda parar o que está fazendo para realizar serviços domésticos.

Essas cenas nos remetem a estereótipos e estigmas reservados às mulheres, pois destacam o papel que historicamente lhes é reservado. Antigamente as mulheres eram criadas exclusivamente, desde pequenas, para se casarem, terem filhos e cuidarem da casa; a mulher não possuía o direito de fazer nada fora disso, nem mesmo estudar, uma vez que seu destino já estava traçado. Nos dias atuais, mesmo após longas lutas feministas, infelizmente, ainda é possível perceber esse discurso, e algumas mulheres ainda sofrem com a falta de oportunidades.

O cenário então muda, Maria José, ainda criança, sai da varanda, em que estava em cima de um banco escrevendo, e vai tirar água do poço. A mãe fica a observar a menina pegando a água e a menina olha para trás com um olhar triste.

Então ocorre uma passagem de tempo e uma nova cena mostra Maria José adolescente e com outras vestimentas, uma saia azul listrada e uma blusa cinza, com a mesma tiara no cabelo, no mesmo lugar, continuando a encher vasos de água e carregá-los. O serviço é tão cansativo que ela necessita parar e reabastecer suas energias. Nesse mesmo cenário – com a cerca de madeira e a casa sem acabamento, que retratam a condição social dessa família-, à medida que Maria José volta a pegar o balde de água, ocorre uma nova passagem de tempo, e então agora ela está uma jovem adulta e já com outras vestimentas: um vestido azul florido e uma tiara cinza. É nesse momento que aparece seu pai - seus trajés são um chapéu, calça e camisa xadrez - juntamente com Antônio, seu empregado na roça – mais jovem, suas vestimentas são calça e camisa marrom. Após Maria José pedir a benção a seu pai, ela e Antônio se cumprimentam, e então ele ajuda Maria José com o balde de água pesado que estava sobre a sua cabeça.



IMAGEM 3. Fonte: Ramos (2006)



IMAGEM 4. Fonte: Ramos (2006)

As imagens são acompanhadas do seguinte diálogo:

- Bença, pai.
- Deus te abençoe.
- Tudo bom, Maria?
- Tudo bom, Antônio.
- Me dê aqui, deixe que eu levo.
- Precisa não, Antônio.

A imagem 3 é a que retrata Maria José adolescente a tirar água do poço. É possível perceber - pela expressão facial, os olhos baixos e os ombros caídos - que ela se sente inconformada pela vida que está sendo obrigada a ter. Já na quarta imagem, é o momento em que ocorre o diálogo transcrito anteriormente, entre Maria José, seu pai e Antônio, seu futuro marido. Podemos observar que Maria José pede a benção para seu pai no início do diálogo, provavelmente mantendo uma tradição de família.

Em suas poucas falas e por suas vestimentas, os homens constroem um ethos do sertanejo tradicional. Os valores patriarcais podem ser percebidos pelo fato de que eles estão chegando de outro lugar, provavelmente do trabalho, reforçando aquela ideia de que os homens assumem a chefia e o sustento da família, enquanto as mulheres ficam em casa cuidando dos serviços domésticos e dos filhos. Outro exemplo desses valores é a possível escolha do marido de Maria José pelo pai – é ele quem apresenta Antônio-, o que era muito comum antigamente e provavelmente ainda acontece em algumas culturas e famílias. Essas tradições não permitem que pais e maridos percebam a tristeza de suas filhas e esposas de levar uma vida que não gostam só para agradar a sociedade e, principalmente, sua família.

Nesse mesmo cenário ocorre outra passagem de tempo que já mostra Maria José grávida, com outras vestimentas, agora um vestido azul com flores amarelas, e seu esposo Antônio levando um balde de água para os bichos. Em outra cena novamente as vestimentas de Maria José são trocadas enquanto ela está moendo café, passando a um vestido verde com flores menores e amarelas. Na segunda mudança suas roupas já começam a mudar de tonalidade e ficam completamente lisas e mais escuras, combinando com a tristeza em sua face (conforme imagem 5). Nesse momento, Maria José olha para o céu, como que em busca de uma ajuda divina, e a câmera vai junto; ao voltar a cena muda, Maria José já está com outras roupas, agora um vestido em uma tonalidade clara e com folhas. Ao fim de estender as roupas, começa a varrer debaixo de uma árvore e seus 6 filhos (todos homens, vindos de trabalhos externos e vestidos como o pai) lhe pedem a bênção, ela os abençoa e ao filho que está esperando (imagem 6). A expressão de Maria José leva a uma possível interpretação de que ela se sente aliviada por até aquele momento só ter filhos homens e de que tem esperança de que venha outro menino e não uma menina, para não passar por todo sofrimento que ela está passando. Mais uma vez a roupa de Maria José é mudada, passando então para um vestido marrom com folhas.



IMAGEM 5. Fonte: Ramos (2006)



IMAGEM 6. Fonte: Ramos (2006)

O diálogo que acompanha esta última imagem é significativo, por exemplificar, mais uma vez, a manutenção das tradições, inclusive religiosas, da família:

- Bença, mãe.
- Bença.
- Bença, mãe.
- Bença, mãe.
- Deus abençoe...

As mudanças nas cores das roupas de Maria José acompanham seu cansaço e tristeza. Quando criança, Maria José usava cores azuis e floridas, que passam tranquilidade e alegria, características de uma criança; quando adolescente, Maria José ainda continua com cores azuis, porém acrescenta o cinza, que representa tédio e tristeza, e realmente é o que a expressão de Maria José passa para o público. Quando adulta, Maria José volta a utilizar vestido azul estampado de flores na cena em que conhece seu futuro marido, passando assim uma imagem de esperança; porém, com o passar do tempo, suas roupas começam a mudar e passam para tonalidades escuras até chegar no marrom, como quem perde a alegria e a esperança ao ver sua vida resumida a uma transferência de submissão ao pai pela submissão ao marido, o que a manteve dentro de casa, com as mesmas tarefas de sempre. Tais mudanças nas cores das vestimentas refletem também mudanças no seu ethos.

Na sequência, Maria José aparece com uma fisionomia muito mais velha (muito parecida com a mãe), com vestimentas iguais a que sua mãe usava: um vestido preto, com

um pano no cabelo que agora está grisalho, e com uma aparência triste (imagem 7). Então ela começa a chamar pela filha pequena, Lurdes, mas a menina não a ouve por estar escrevendo seu nome no caderno, assim como fazia quando tinha a sua idade. E então Maria José faz com sua filha Maria de Lurdes a mesma coisa que a sua mãe fez, puxa a menina do banco com agressividade e diz que ali não é lugar para ela ficar, e que precisa procurar algum serviço doméstico para fazer. (imagem 8).



IMAGEM 7. Fonte: Ramos (2006)



IMAGEM 8. Fonte: Ramos (2006)

As falas se repetem, e a história também:

-Lurdes!

Oh, Lurdes!

Oh, Lurdes! Tu não tá me ouvindo chamar não, Lurdes?

Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora?

Em vez de ficar perdendo tempo “desenhando o nome”, vá lá pra fora arranjar o que fazer!

Tem o pátio pra varrer... Tem que levar água pros bichos...

Vai menina! Vê se tu me ajuda, Lurdes!

Fica aí fazendo nada...

“Desenhando” o nome...

Nessas duas imagens percebe-se nitidamente como o ethos de Maria José mudou muito ao longo do tempo, agora ela mostra um ethos agressivo, igualzinha à sua mãe, com quem se parece tanto na fisionomia quanto no jeito de falar e na forma de ver a vida. Nessa cena, Maria José já perdeu todas as esperanças, portanto, decide seguir os mesmos costumes da sua família, principalmente da sua mãe (que já era também uma vítima da sociedade).

No final ela ainda diz: “Fica aí fazendo nada... ‘Desenhando’ o nome...”, e aí ela lembra de quando também era criança e fazia a mesma coisa, logo depois olha para a mãe que está em um caixão (imagem 9). Enquanto os homens estão todos sentados, Maria de Lurdes, que ainda é uma criança, vai tirar água do poço. Nessa imagem, ainda é possível identificar o estereótipo religioso do povo e do viver nordestino, a partir das imagens de Nossa Senhora Aparecida, Pe. Cícero e do crucifixo presentes no momento do velório.



IMAGEM 9. Fonte: Ramos (2006)

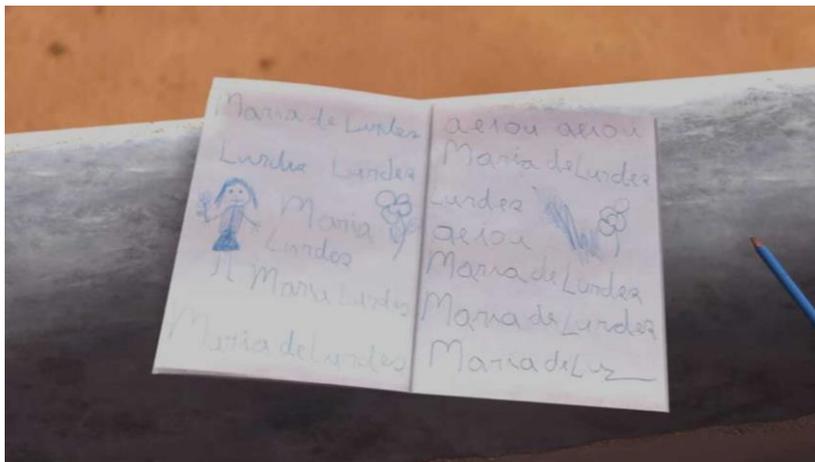


IMAGEM 10. Fonte: Ramos (2006)

Após a cena do velório, o foco se volta para a menina Maria de Lurdes pegando água e, em seguida, para o caderno em que ela estava escrevendo seu nome (imagem 10). Além das letras, há também desenhos de uma menina e de flores. Nessa hora as folhas começam a passar com o vento e nas páginas estão escritos os nomes de Maria de Lurdes, Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fátima, Maria das Dores, Maria da Conceição e Maria do Carmo. E assim se encerra o filme. Esse caderno foi utilizado durante sete gerações por diferentes Marias; as folhas virando com o vento representam a volta no tempo e revelam o estigma que atravessa as mulheres daquela família, como também representam esse acontecimento em muitas famílias brasileiras, em que meninas e jovens abandonam a escola para trabalhar em casa ou fora dela, como vimos nos gráficos.

A primeira Maria a usar o caderno (Maria do Carmo) tinha a letra bonita, o que indicia que provavelmente chegou a cursar a educação formal, mas a última escrita de seu nome está incompleta e com um risco, como se fora obrigada a parar. As outras Marias possuíam uma caligrafia típica de quem estava aprendendo a escrever e tinham o desejo de serem alfabetizadas, devido à escrita dos números e das vogais que acompanhavam seus nomes; mas não houve continuidade...

### Considerações Finais

O curta-metragem *Vida Maria*, dirigido por Márcio Ramos, teve como objetivo escancarar a realidade de inúmeras meninas dos sertões brasileiros (e não apenas) que têm a educação negada pelo pensamento machista e patriarcalista de que o papel da mulher na sociedade é realizar os afazeres domésticos desde muito cedo, ajudando suas mães, e, com a idade adulta, casarem-se, gerarem filhos, cuidarem de seus maridos e de suas casas. Essas

meninas/mulheres não tiveram a oportunidade de ter uma educação formal ou até mesmo uma ocupação profissional diferente (se esse não fosse seu desejo), que lhes é negada pelo simples fato de serem mulheres pobres e do sertão.

A família fictícia retratada representa um grupo (ou grupos) de pessoas estigmatizadas pela sociedade, pois se trata de personagens simples, da zona rural, pardos, provavelmente nordestinos. Não por acaso, daqueles mais atingidos pela evasão escolar, conforme os dados apresentados no início deste artigo. Nessa narrativa e nesse cenário, o direito à educação é negado, pela dificuldade de se locomover até a escola ou por necessitar trabalhar. No caso das meninas, esse trabalho é sempre o doméstico, e as Marias do filme (nome significativo por sua popularidade e representatividade de nome feminino. Maria somos todas nós...) têm sempre o mesmo destino do que suas mães e avós.

Esses destinos refletem de forma direta no ethos depreendido das personagens. A mãe de Maria José possui um ethos de uma mulher triste, impetuosa, agressiva, rude; é possível perceber isso por meio das suas falas, pois utiliza bastante a exclamação, como também por sua linguagem não-verbal, pela forma como chega puxando a filha pelo braço para ajudá-la nos serviços domésticos no início do vídeo. Maria José, quando adulta, também adota esse mesmo ethos da sua mãe, e a tristeza é uma constante em sua face ao longo de toda a narrativa. Fica visível a trajetória dessas mulheres que, quando crianças, possuem um sonho que é interrompido, para terem vidas que não são do seu agrado.

Dessa forma, os resultados da análise confirmam o que foi discutido até aqui, que existe um estereótipo de gênero das mulheres reproduzido no curta-metragem, pois todas são responsáveis sempre pelos mesmos afazeres e precisam se comportar de acordo com determinada imagem aceita na comunidade ou na família. Além desse, outros estereótipos também as colocam nessas condições de submissão, como os ligados às condições sociais e ao local de origem ou moradia.

Por suas características, as Marias representadas no vídeo têm sempre o mesmo destino, como se essas particularidades as excluíssem da sociedade “normal”. Assim, esses estereótipos levam à estigmatização, condenando a mulher (não só a pobre, preta e/ou moradora da zona rural, mas essas, geralmente, ainda mais) a ter uma vida infeliz por não estar de acordo com o que deseja a maioria da sociedade ou a ter que lutar muito para provar sua competência.

## Referências

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução: Angela M. S. Corrêa. et al. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2016a. p. 09-23.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Estereótipos y clichés*. Tradução: Lelia Gándara. 1ª ed. 4ª reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª ed. 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 119-142.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011 [384-322 a.C].

BOJCZUK, K. Evasão escolar no ensino médio: causas, consequências e possíveis soluções. *E-docente*, 2020. Disponível em: <<https://www.edocente.com.br/blog/escola/evasao-escolar-no-ensino-medio-causas-consequencias-e-possiveis-solucoes/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

COMO reduzir a evasão escolar na pandemia?. *TutorMundi*. Disponível em: <<https://tutormundi.com/blog/evasao-escolar/>>. Acesso em; 28 set. 2021.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert. Sabotagem, 2004.

LOPES, A. N. et al. Estigma, Preconceito, Discriminação: percalços da cidadania – uma resenha do estudo elaborado pelo prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais. *Unisepe*, São Paulo, ed. nº 07, 2015.

MADEIRO, C. 23% das mulheres que abandonam a escola precisam cuidar da casa, diz estudo. *Universa/UOL*, 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/13/23-das-mulheres-que-abandonam-escola-precisam-cuidar-da-casa-ou-de-alguem.htm>>. Acesso em: 28 set. 2021.

MATEUS, S. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Corvilhã: Universidade da Beira Interior, 2018.

NECESSIDADE de trabalhar, desinteresse e gravidez são os principais motivos para abandono escolar. *EcoDebate*, 2020. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2020/07/17/necessidade-de-trabalhar-desinteresse-e-gravidez-sao-os-principais-motivos-para-abandono-escolar/>>. Acesso em: 28 set. 2021.

OLIVEIRA, E. 41% das crianças brasileiras sem estudo em 2020 tinham de 6 a 10 anos, aponta Unicef. *g1 Globo*, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/04/29/quatro-em-cada-dez-criancas-de-6-a-10-anos-estavam-sem-estudos-em-2020-aponta-pesquisa-do-unicef.ghtml>>. Acesso em: 28 set. 2021.

RAMOS, M. *Vida Maria*. YouTube, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG htum4>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SARAIVA, A. Das jovens fora da escola, em 2016, 26% alegam cuidar da casa, de crianças ou idosos. *Instituto Humanistas Unisinos*, 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/574951-das-jovens-fora-da-escola-em-2016-26-alegam-cuidar-da-casa-de-criancas-ou-idosos>>. Acesso em: 28 set. 2021.

SARINGER, G. Cerca de 4 milhões abandonaram estudos na pandemia, diz pesquisa. *Cultura/UOL*, 2021. Disponível em: <<https://cultura.uol.com.br/noticias/15883-4-milhoes-de-brasileiros-abandonaram-os-estudos-em-2020-diz-pesquisa.html>> Acesso em: 28 set. 2021.

Recebido em: 12/8/2022

Aprovado em: 19/10/2022